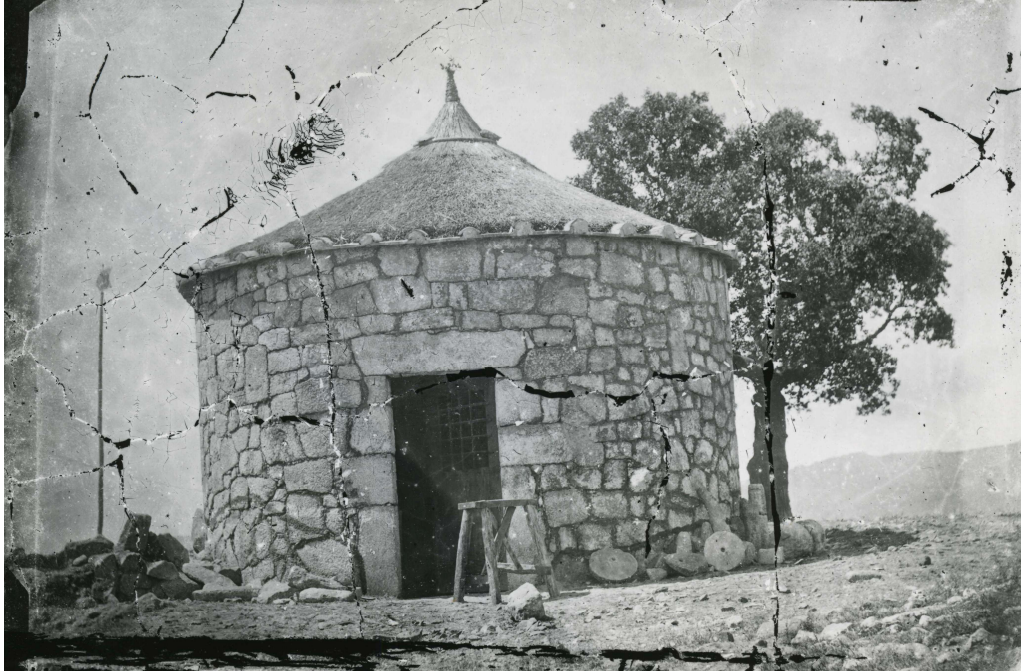


RUBRICA REPORT(H)A: O teatro da natureza e o mundo



Citânia de Briteiros (Guimarães). Casa circular reconstruída, com um sobreiro nas traseiras (c.1874). *Cliché de Francisco Martins Sarmento, reproduzido a partir de negativo em colódio sobre placa de vidro.*

© Sociedade Martins Sarmento

SOBRE UM SOBREIRO VELHO DA CITÂNIA DE BRITEIROS

1. É uma árvore culminante, que brota do solo como se fosse um rochedo, com pronunciado embasamento. O tronco eleva-se a poucos metros de altura e dele deriva um longo ramo, último testemunho de uma copa outrora frondosa, sinal derradeiro de árvore que atravessou séculos até morrer. Permanece erguida no topo do monte de São Romão, em Briteiros, próximo de Guimarães, no norte de Portugal, local onde Francisco Martins Sarmento (1833-1899) descobriu, por seu turno, uma cidade morta. No interior aberto da árvore há inesperados sinais de vida: estabeleceu-se aí um lagarto verde, grandes formigas deambulam entre fragmentos de madeira, estranhos cogumelos irrompem dos interstícios da casca. Este sobreiro, outrora poderoso, está morto, mas nutre particulares formas de vida. O tempo decorrido a construir um ser de

seiva circulante, feito de células de madeira, revestido de cortiça e folhagem perene, gerador de copiosas bolotas, é agora o tempo de uma lenta desmontagem, da degradação da celulose, do esvaziamento interno do tronco, do colapso final da copa, da demorada decomposição da cortiça, enfim, de tornar-se pó que ao pó regressa.

2. Num *cliché* antigo do monte de São Romão, captado por Martins Sarmiento na década de 1870, este sobreiro é uma árvore visível, situada próximo da singular capela que a devoção popular construiu no cume do monte. Recorta-se acima da linha que circunscreve a elevação orográfica: contra o céu em fundo, um tronco nítido sustenta uma copa densa. Em redor vegetam árvores franzinas, pouco expressivas, disseminadas entre vestígios arqueológicos, postos à vista pelas escavações dessa época. Todo o resto do monte é uma solidão vegetal. Noutros *clichés* do mesmo fotógrafo pioneiro veem-se duas casas circulares recém-reconstituídas, às quais o sobreiro serve de sentinela. Por que motivo terá o distinto arqueólogo conservado esta árvore num local sujeito à remoção de terras e exumação de pedras e outros achados? Por que motivo terá resistido a uma suspeição arqueológica que porventura se ocultasse sob as suas raízes? Reside nisto o mistério desta árvore, a cuja sombra se terão abrigado o arqueólogo e os seus ajudantes, mulheres e homens, durante as primeiras campanhas de escavação. Sobreiro-sombreiro.

3. Percorrendo com atenção a Citânia, deparamo-nos com outro sobreiro antigo, um pouco afastado deste de que nos ocupamos. Situa-se abaixo da acrópole castreja, motivo pelo qual as suas ramagens apenas afloram nas primeiras fotografias. Continua bem vivo, renovando a sua copa em cada primavera com folhas verde-claras. Na base de ambas as árvores foi construído um murete de pedra, sinal de que alguém, num determinado momento, desejou protegê-las de um ocasional acesso de febre arqueológica, oferecendo repouso à sua sombra. Foram fotografadas por Álvaro Martins para um artigo sobre a Citânia de Briteiros, publicado na *Ilustração*, em setembro de 1930. Veem-se também numa fotografia aérea, captada em fevereiro de 1938 pelo major-aviador Pinheiro Correia, exposta à entrada da sala de leitura da Sociedade Martins Sarmiento. Foram estas, possivelmente, as árvores que geraram o sobreiral que hoje reveste parte da Citânia, evocando uma ambiência vegetal pretérita, que remonta ao tempo em que os Lusitanos, nas palavras de Estrabão, se alimentavam durante dois terços do ano de bolotas, com as quais faziam pão. Bolotas de carvalho-verinho (*Quercus robur* L.), segundo o texto do geógrafo grego, embora nada obste a que houvessem sido também consumidas bolotas de sobreiro (*Quercus suber* L.) que, aliás, têm melhor sabor. Certo é que a presença de sobreiros na paisagem circundante da Citânia continua a ser hoje habitual, tal como a dos carvalhos-verinhos, tendo

peculiar expressão no topónimo *Sabroso*, nome de uma pequena elevação que se avista a certa distância, onde se localiza um castro também escavado por Martins Sarmento; o nome do lugar, possível derivação coletiva do nome latino do sobreiro, *suber*, evoca a frequência destas árvores desde recuados tempos. Noutra direção, a noroeste da Citânia, sobre uma cumeada que delimita o vale do rio Ave, dividindo os concelhos de Guimarães e Braga, eleva-se um cabeço granítico que contém no seu nome a casca do sobreiro: *Santa Marta das Cortiças*. Situado junto à estação arqueológica escavada no final do séc. XIX por Albano Belino (1863-1906), coroado agora pelos sobreiros que sobreviveram aos incêndios de outubro de 2017, este cabeço e o seu topónimo representam aqui o *genius loci*. Antigos companheiros de jornada, sobreiros e humanos modelaram a paisagem do vale do Ave na longa duração, a ritmos diferentes, deixando marcas que persistem sob as implacáveis transformações do território.

4. Em novembro de 2018, na exposição *Depois do Tempo*, realizada na Casa da Memória de Guimarães, o fotógrafo Duarte Belo apresentou duas imagens captadas na Citânia de Briteiros. Uma do decrepito sobreiro, visto do lado em que uma descarga elétrica lhe marcou um sulco no tronco; outra dum notável pinheiro-manso, do qual um dia destes nos viremos a ocupar. No lançamento do livro resultante da exposição, o geógrafo Álvaro Domingues apelidou o velho sobreiro de “árvore genealógica”. É realmente disso que se trata: de uma árvore que define o espírito do lugar e nos liga à época antiga em que a Citânia foi habitada. Uma árvore que viveu séculos e tem agora uma forma que parece esculpida pelo tempo. O seu interior é uma labareda que morre. A própria árvore parece, toda ela, uma chama que se apaga.

5. Pedimos ao escultor Paulo Neves que auscultasse a árvore e, se assim o entendesse, nos transmitisse o seu augúrio. A visita foi breve; o prognóstico também: o estado do sobreiro já não permite uma intervenção escultórica. Contudo, sem a mão de outro escultor senão o tempo, esta árvore não será, em si mesma, uma obra de arte? Encontraremos, quem sabe, uma resposta na sua demorada contemplação.

Manuel Miranda Fernandes

Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território / Faculdade de Letras da Universidade do Porto // Sociedade Martins Sarmento

SOBREIRO, ÁRVORE NACIONAL DE PORTUGAL

No final de 2011, o sobreiro foi unanimemente designado como árvore nacional de Portugal, estatuto consignado pela Resolução da Assembleia da República n.º 15/2012. Esta resolução traduz o reconhecimento do sobreiro como um património nacional que caracteriza o ambiente e a paisagem, integrando a história e cultura portuguesas, assim como a investigação científica.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim, G.; Martins, S. 1930. Citânia de Briteiros. *Ilustração*, n.º 114, pp. 25-28.
- Belino, A. 1909. Cidades mortas (Estudo póstumo). *O Archeologo Português*, 14 (1-8): 1-28.
- Belo, D.; Domingues, A. 2019. *Depois do tempo. Guimarães 1988-2018*. Casa da Memória de Guimarães / A Oficina, Guimarães.
- Cardozo, M. 1996. *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Notícia descritiva para servir de guia ao visitante*. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 13.^a ed.
- Deserto, J.; Pereira, S. H. M. 2016. *Estrabão, Geografia. Livro III. Introdução, tradução do grego e notas*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Nunes, J. J. 1919. A vegetação na toponímia portuguesa. *Boletim da Classe de Letras [Academia das Ciências de Lisboa]*, 13 (1): 131-175.
- Sarmiento, F. M. 1876. *Citânia: album de fotografias* [Visual gráfico]. Volume I. Coleção de reservados da Sociedade Martins Sarmento.
- Tereso, J.P.; Ramil Rego, P.; Almeida da Silva, R. 2011. A exploração de recursos alimentares silvestres e seu enquadramento nas dinâmicas económicas e sociais das comunidades agrícolas desde a pré-história à época romana. In: Tereso, J.P.; Honrado, J.P.; Pinto, A.T.; Rego, F.C. (Eds.), *Florestas do Norte de Portugal: História, Ecologia e Desafios de Gestão*. InBio–Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Porto, pp. 55-83.

Como citar: Manuel Fernandes – “Sobre um sobreiro velho da Citânia de Briteiros” [Em linha]. Porto: Rede Portuguesa de História Ambiental, 2020. Disponível em <http://www.reportha.org/en/news/item/557-naturaetheatrum-et-mundum-thetheatre-of-nature-and-the-world-o-teatro-da-natureza-e-omundo>.